OS ENIGMAS E OS PRODÍGIOS DE UM CATATAU

Marcelo Paiva de Souza

Macacos me lambdam!

Paulo Leminski

Há exatos vinte anos um *Catatau* acertava as Letras nacionais. “Rimbaud curitibano com físico de judoca”¹, Paulo Leminski passou uma rasteira nos vícios pomposos do bem-dizer, marcou um *ipon* contra a poesia pouca e frouxa e a prosa rançosa que grassavam então. Destabocado, *ofabbro* anunciou, a título de prefácio, carta de intenções e petição de princípios: “me nego a ministrar clareiras para a inteligência deste catatau que, por oito anos, agora, passou muito bem sem mapas. Virem-se.”² *Repugnatio benevolentiae* mesmo, verdadeiro “desafiatlux” aos respeitáveis senhores da crítica. Estes, contudo, entreolharam-se estupefatos e, como que atordoados pela violência do golpe, calaram o bico e saíram de fininho pela retaguarda das instituições literárias, recuo tático no qual, é claro, ainda persistem, mensurando por artes da intuição e engenhos mânticos a profundidade de seus umbigos.

Era de se esperar. Leo Gilson Ribeiro, entusiasta de primeira hora, já o vaticinara numa resenha publicada no *Jornal da Tarde* em 1976: “Décadas se passarão até que o Brasil reconheça neste esplêndido, profundo, perene *Catatau* uma de suas imagens tão radicais e tão perfeitas quanto as transmitidas por *Os Sertões*, *Grande Sertão: Veredas*, *Fluxofloema*, *Serafim Ponte Grande* e pouquíssimos outros trechos de prosa poética e revolucionária criatividade, equivalentes, em suas devidas proporções, à fundamental tomada de posição de um Joyce, de uma Virginia Woolf, de um Raymond Queneau, de um Céline (...).”³ Texto difícil, denso e opaco, texto-objeto, “câmara de tonturas”, o *Catatau* requer um leitor apto e disposto a *transgressio cognitionis*, “perspicapaz” o bastante para se aventurar pelos

meandros de sua estrutura e decifrar a profusão barroca de sua linguagem.

“(...) conceitual e poético, além ou aquém de gêneros”⁴, conforme ajuiza Antônio Risério num dos melhores ensaios já escritos sobre o livro, *o Catatau* abriga em sua textura, dispersas aqui e acolá, chaves que permitem discernir com maior clareza os elementos postos em jogo na sua trama. Herdeiro de Joyce e Rosa⁵, Leminski não pode e não quer apenas contar uma história. Seu objetivo é levar alguns passos adiante a experiência com a linguagem, grafar a diferença radical de sua vivência do sentido numa forma contundente e nova. Daí o imperativo da dimensão metalingüística, a necessidade inarredável de uma escrita que contemple a si mesma ao fazer-se, para fugir às esparrelas do lugar-comum: “Isto é uma história. Não é muito. Muitas começam assim. Era só haver uma vez e lá vinha de novo a mesma história. Era uma vez aquela história. Só uma vez. Esta história perdeu-se. Vamos dizer outra vez, em melhor ocasião. Isso é outra história.”

O trecho abaixo reúne, em escala reduzida, temas e figuras cujo desenvolvimento é responsável, como pretendo demonstrar, pela “outra história” que Leminski nos propõe. Confira-se:

Nos navios de carreira do triplo périplo, veio de Batávia a estas partes, entre ovelhas e perdizes, um pato destinado aos apetitológicos dum potentado aquisitício, um majorengo qualquer da Batavina, um pato, insisto, que suscitou celeuma indeslindável da alfândega de Vrijburg. Contestou-se a conveniência de trazê-los, aos palmípedes, para cá. Invocaram-se leis suntuárias, anteriores à própria assinatura da Companhia. Citou-se o arcaico provérbio *infra aequinoctialem nullus cygnus*, dos desmandos que se seguiriam à importação de aves tão importunas na voz, desceram até debater as virtudes nutritivas da carne, sangue e miudezas do galinóide. Marcgravf, convocado às pressas para intercalar entre as desinteligências dos altercantes sua opinião abalizadora. O sábio chegou, noites a dentro mal dormidas à mostra, as pernas descascando as pálpebras de cebola das ceroulas, dizendo hein, hã, hum, num dialeto inacessível à vigília porque só em sonhos exercitado...

Deixemos de lado a conclusão do incidente, muito divertido, aliás, e passemos à análise dos constituintes de anedota. Estão aqui, como numa miniatura de superfície especular, todos os ingredientes do *Catatau*: o motivo da viagem, a terra exótica e o estrangeiro (no caso, um pato) confrontados, assim como um mediador (o sábio Marcgravf), de quem se espera uma solução para o confronto. Percebe-se ainda a ironia, o tom paródico, o humor sibilino e a poesia inaudita e arrebatadora do artesanato vernacular.

A rarefeita ação do livro transcorre no século XVII, na Recife (Vrijburg) dominada pelos soldados holandeses de Maurício de Nassau. Por meio de um artifício tipicamente borgiano, uma *ficción*, Leminski relê a História a contrapelo, e supõe,

numa dobra esquecida do tempo, a vinda de Descartes ao Brasil. “A idéia”, garante Risério no ensaio referido acima, “não é tão desarvorada quanto parece. Nassau viveu num período que pode ser considerado a idade de ouro da Holanda. Um país rico, capitalista, vivendo em regime democrático, para onde seguiam filósofos, artistas e pensadores de toda a Europa. Entre eles, Descartes, que lá viveu vinte anos, e onde recebeu instrução militar. Nessa época, deu-se a expansão holandesa, em tentativas de estabelecer colônias no Novo Mundo.”⁶ Em 1624, no litoral baiano, ocorreram as primeiras tentativas de ocupação. Cerca de seis anos mais tarde, Pernambuco era invadido pelas forças holandesas. Imbuídas do propósito de construir uma réplica de sua pátria nos trópicos, as expedições trouxeram consigo luminárias da civilização européia: engenheiros, pintores (Post, Eckhout) e naturalistas (Marcgravf). No horto do imenso palácio que Nassau fez erguer para si, está o Descartes leminskiano, sentado prosaicamente à sombra de uma árvore.

A rigor, nada acontece ao longo das mais de duzentas páginas do texto. O protagonista, Renatus Cartesius, sem jamais se levantar, divaga: “Não dava nenhuma novela essa vida minha: nem por uma anedota, sistema de paralelas a partir de grandezas variáveis, boas para determinar a POSIÇÃO DE UM PONTO. É o caso de atribuí-la e com dissimulacros?” De posse de uma luneta, fumando uma erva misteriosa, observa extasiado a paisagem: “Do parque do príncipe, as lentes de luneta, CONTEMPLA A CONSIDERAR O CAIS, O MAR, AS NUVENS, OS ENIGMAS E OS PRODIGIOS DE BRASÍLIA.”

Estruturalmente, o que se verifica a seguir é um mergulho no âmago da mente delirante de Cartesius, um alentado monólogo interior — “enxame de consciência” — que arrasta consigo um torvelinho de impressões disparatadas, vagas lembranças, reminiscências atávicas, fragmentos polilíngües e citações eruditas entremeados às vozes inumeráveis da floresta. Encena-se assim o embate do intelectual europeu, destro na Lógica, versado em todas as artes e ciências e “inquieto de todos os equilíbrios” com a maravilhosa realidade tropical, “o ser, temperado por seus acidentes.” Não é difícil prever que o instrumental filosófico de que dispõe Cartesius sucumbe miseravelmente diante da exuberância inclassificável dos trópicos. Acometido de um “desistúrbio”, ele constata que sua razão não alcança devassar o mistério dos portentos com que se defronta, e fragmenta-se, trespassado pelas cores e formas luxuriantes que o rodeiam: “quebraram doze das tábuas da minha lógica, virei mosaico.”

Mas Cartesius não está só. Ou pelo menos o imagina. Durante todo o livro, ele espera pela chegada de Artyczewski, personagem obscura que lhe teria ministrado a tal erva de negros com que se inebriou. A verdadeira natureza de ligação entre os dois jamais é revelada. O fato é que a Artyczewski cabe o papel de mediador (como a Marcgravf no trecho a que me referi) entre Cartésio e a inóspita e desconhecida realidade em que ele se vê imerso. Cartésio, “herói enigmáforo”, nutre a crença de que o polonês possa esclarecer-lhe as dúvidas sobre o “brave new world” de que se tornou cativo. Artyczewski, porém, nunca aparece. Ou melhor, aparece, só que nas últimas linhas do livro, e embriagado: “na subida, lá vem ARTYSCHESKY. E como. Sãojoãobativista. Vem bêbado,

Artyschewsky bêbado... Bêbado como polaco que é." A espera esperança frustrada de Cartésio torna-se uma metáfora formidável da ilegibilidade: a resposta porque ele tanto ansiava não lhe é concedida. E tampouco o leitor a recebe. Por isso ambos fracassam.

É o que nos conta o *Catatau*. A história da tentativa fracassada de entender o novo do ponto de vista do antigo, da insanável mania ocidental de rasurar a diferença na identidade. Numa entrevista a Almir Feijó, publicada na revista *Quem*, de Curitiba, em 1978, o próprio Leminski o declarou:

"Esse texto (o *Catatau*) é difícilimo. Então, o leitor está a espera, também, de um explicador ao longo do texto todo, assim como o personagem principal está à espera da chegada de um personagem que é o explicador e que explicará para ele o Brasil. Mas esse personagem, que é Krzysztof Arciszewski, o primeiro polonês que participou da História do Brasil e que eu resolvi, eu, neto de polonês, homenagear, esse era um oficial de Maurício de Nassau realmente aqui no Brasil. E eu o transformo em personagem no *Catatau*. Mas é um personagem ausente. É o esperado. Ele vem só no final, mas ele vem bêbado. Então ele vem inepto para esclarecer as dúvidas de Descartes. Então, Descartes termina com a frustração e aquele mundo continua de leitura impossível para ele. Ora, aquele mundo de leitura impossível que é o Brasil, é o próprio texto do *Catatau*. Então, em lugar de dizer isso, eu fiz isso. O *Catatau*, como tal, é a própria imagem da impossibilidade da compreensão do Brasil novo por parte de uma mente antiga que é a mente do filósofo europeu que tenta pensar o Brasil, pensar a América, pensar o Terceiro Mundo com categorias aristotélicas, com categorias brancas." ⁷

Como se viu, há pouco a dizer sobre o enredo, e, uma vez que se adote uma perspectiva adequada, a organização interna do livro se exhibe numa limpidez cristalina, que dispensa quaisquer comentários. Já não se pode afirmar o mesmo de sua linguagem, seu dialeto, recorde-se, é "inacessível à vigília, porque só em sonhos exercitado..." Mencionei páginas atrás, de passagem, o vínculo existente entre Joyce e Leminski. Convém retornar a este ponto. Sabemos que o *Catatau* se filia, confessadamente, à linhagem joyciana. O leitor atento não terá deixado de perceber notáveis semelhanças entre a língua de Cartesius e as palavras da grande noite do *Finnegans Wake*. As situações básicas, tanto num livro como no outro, são muito parecidas. No *Finnegans* somos conduzidos através do sonho de HCE, e no *Catatau*, através do delírio de Descartes. Em ambos os textos o vernáculo se contorce sob a pressão do inconsciente dos protagonistas, o verbo transfigura-se para encarnar um pesadelo do qual se procura a todo custo despertar: "o linjaguar comprovoa o pesadédalo."

É bem verdade que a prosa do *Catatau* está muito distante da opacidade do enciclopédico labirinto onírico de Joyce. O que não significa que seja fácil. A ilegibilidade é o motivo central da obra, e Leminski levou-a a um nível poucas vezes

alcançado em língua portuguesa, fazendo de seu livro um manancial inesgotável para a prospecção estilística. O tempo cronológico, linear, e sua contraparte, a lógica da causalidade, são substituídos pela dança frenética dos signos. Antônio Risério levou a cabo um breve levantamento da intrincada coreografia que executam: “Leminski, como Oswald, reconhece a riqueza dos bailes e das frases feitas, explorando e manipulando frases prontas do repertório coloquial, torcendo expressões codificadas, etiquetas lingüísticas, etc (...). Humor trocadilhesco (...). Gosto por inversões silábicas e fonéticas de efeitos surpreendentes (...); por fissuras verbais (...); por construções tméticas (...); por aliteraões e paronomásias (...); por pseudoditados (...), por uma curiosa mistura de arcaísmos e gírias modernas (...); por citações e alusões a outros textos (...). Leminski faz, ainda, largo uso da palavra-montagem joyciana (...).”⁸

Ainda uma vez, o próprio texto deixa entrever os princípios que norteiam sua composição: “Astro sito entre a sensação e a percepção, um exame ligeiro, sem exagero, até que sim: não seja o escriba como o gramático que priva com todas as palavras, e as tem atrouxemouxe presentes nos léus da retentiva: esperar que apareçam, estranhem, se magnifestem através dos nudismos de seus distrâmites próprios, as que ferem aquilo a que se referiscam.” Trocadas pelo inebriante alento dos trópicos, as palavras de Cartésio fremem num transe dionisiaco (“óbvio que nem tudo é ambíguo. Eu é que perdi os sentidos.”), rompem as apertadas amarras da referência e ganham vida própria, libertas enfim do jugo implacável do objeto. “Sursumpresa”, dizem, e é impossível ficar indiferente ao júbilo orgiástico que emanam, inútil resistir ao festim pantagruélico para o qual alegremente nos convidam.

Essa alegria me interessa. Afirmei acima que o *Catatau* conta a história de um fracasso. Porém suspeito de que a euforia de sua linguagem também tenha algo a nos contar. A malfadada empresa de Cartesius pode não ter sido de todo vã. Fôramos avisados, ironicamente, de que “trato assíduo com vernáculos envilece o ânimo”, de que “o vilipêndio dos postulados da prosódia duz direito à postergação dos ditames da *recta ratio*. Mas a libertária violação da língua perpetrada pelo livro e saboreada durante sua leitura não parece tornar o ânimo mais vil, muito pelo contrário; e se os postulados da “*recta ratio*” se revogam, o mesmo se dá em nome de uma outra razão, insólita e poética, “similagre a este desaparelâmpago.”

Oscilando entre a medida e a desmedida, a razão e a desrazão, a simplicidade franciscana de estrutura e a sofisticação bizantina do artesanato verbal, a rigidez domática do filósofo europeu e os abismos insondáveis de uma brasilidade em constante mutação, o *Catatau* resolve, a seu modo, o dilema do convívio dos contrários. Ele não espera, poderia resumir parafraseando Caetano Veloso, pelo dia em que todos eles concordem. Apenas sabe de diversas harmonias bonitas possíveis sem juízo final.

NOTAS

- ¹ Campos, Haroldo de. Paulo Leminski in *Paulo Leminski*. Vários autores. Série paranaenses, número 2. Curitiba, Editora da UFPR, 2 ed., 1994.
- ² Leminski, Paulo. *Catatau*. Curitiba, edição do autor, 1975. Todas as citações do ensaio, salvo indicação em contrário, provêm desta livro.
- ³ In *Paulo Leminski*, op. laud.
- ⁴ Ibidem.
- ⁵ Leminski concebia a literatura como um processo evolutivo, e declarou certa feita que “o *Catatau*” é um momento pós-rosiano. Pós rosiano assumido e pós-joyciano. Quer dizer, essas duas filiações são transparentes no *Catatau*” (in *Paulo Leminski*, op.laud.)
- ⁶ In *Paulo Leminski*, op. laud.
- ⁷ Ibidem.
- ⁸ Ibidem.